

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

PEDRO IVO DE PAIVA TOSCANO

**A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS NA ASCENSÃO DA DIREITA
UM ESTUDO EXPLICATIVO: EUA e Brasil**

São Paulo

2020

PEDRO IVO DE PAIVA TOSCANO

**A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS NA ASCENSÃO DA DIREITA
UM ESTUDO EXPLICATIVO: EUA e Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto de Farias.

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Toscano, Pedro Ivo, Paiva de

A importância das redes sociais na ascensão da direita. Um estudo explicativo: EUA e Brasil / Pedro Ivo, Paiva de Toscano ; orientador, Luiz Alberto de Farias. -- São Paulo, 2020.

59 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Comunicações e Artes/Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

Versão corrigida

1. Ascensão da Direita 2. Pós Verdade 3. Fake News 4. Tecnologia I. de Farias, Luiz Alberto II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

PEDRO IVO DE PAIVA TOSCANO

A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS NA ASCENSÃO DA DIREITA
UM ESTUDO EXPLICATIVO: EUA e Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Data de aprovação: ____/____/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto de Farias

Membro Titular

Membro Titular

Local: Universidade de São Paulo — Escola de Comunicações e Artes

AGRADECIMENTOS

À minha família, meus pais, Nelson e Renata, minha irmã Daniela e minha prima Maria Cláudia, principalmente, por estarem comigo me dando forças nesse período de transição de carreira e por sempre me motivarem a buscar o meu propósito na vida. Sem vocês não teria encontrado aquilo que quero seguir pro resto da vida.

Aos meus amigos do colégio que mesmo depois de diversos anos ainda estão muito presentes na minha vida, me dando suporte, compartilhando alegrias e me ajudando a desenvolver com discussões sempre muito pertinentes. Muito bom ter visões diferentes para continuar evoluindo.

Aos melhores amigos que eu fiz na vida e que espero estar pra sempre junto com eles, o Atletismo FEA. Eu somente não me arrependo de ter escolhido fazer contabilidade, pois se não tivesse errado nessa escolha não teria conhecido nenhum de vocês, que é de longe um dos melhores grupos do universo, onde posso ter discussões sobre coisas bem fúteis, mas também discussões embasadas sobre política, que me ajudaram muito na construção desse projeto e também na minha construção pessoal e profissional.

À minha segunda família. RPN16, que, mesmo eu sendo um reincidente na USP, mais velho, vindo da FEA rs, me acolheu da melhor forma possível e que com certeza sem eles eu não teria a mínima possibilidade de ter me formado. Agradeço por todos os momentos vividos nessa ECA e também por todos os próximos momentos que virão.

À Julia, minha namorada, que durante toda a faculdade esteve ao meu lado me ajudando nesse novo mundo da comunicação, me dando forças, sendo essa pessoa maravilhosa. Sem você, seus toques, conselhos e conversas eu não teria chegado onde eu cheguei.

Aos profissionais que trabalhei junto nessa caminhada, mas principalmente Bruno Teixeira e Sergio Rosenhek que me apresentaram o mundo da responsabilidade social com uma maestria, conectando profissionalismo com propósito e altruísmo e abrindo meus olhos fazendo com que eu encontrasse o meu lugar.

Agradeço também o Professor Luiz Alberto, LA, por toda a dedicação e trocas que tivemos, não somente agora, mas durante toda a faculdade que me ajudaram no meu desenvolvimento. Obrigado por todos os conselhos e ensinamentos.

RESUMO

De uns tempos para cá, em razão da tecnologia, a internet e as redes sociais estão possibilitando uma crescente democratização à informação e à geração de conteúdos de qualquer lugar do mundo. É a era da pós-verdade. Como consequência dessa quantidade de informações, a opinião pública é construída a partir da busca de fatos ou materiais que confirmem aquilo que pensamos, sendo isso verdade ou não. É neste cenário tecnológico, formado por redes que viabilizam a criação e disseminação de *fake news*, que influentes ondas de conservadorismo estão retomando posições de força no cotidiano político de diversos países ao redor do globo.

Palavras-chave: Conservadorismo; Pós-Verdade; Opinião Pública; Bolsonaro; Trump; Notícias Falsas; Tecnologia; Comunicação; Direita; Robôs.

ABSTRACT

For some time now, due to technology, the internet and social networks are enabling a growing democratization of information and content generation from anywhere in the world. It is the age of the post-truth. As a result of this amount of information, public opinion is built from the search for facts or materials that confirm what we think, whether this is true or not. It is in this technological scenario, formed by networks that enable the creation and dissemination of fake news, that influential waves of conservatism are resuming positions of strength in the political daily life of several countries around the globe.

Keywords: Conservatism; Post-Truth; Public opinion; Bolsonaro; Trump; Fake News; Technology; Communication; Right; Bots.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2. A GUINADA DA DIREITA NO MUNDO | 10 |
| 3. OS CAMINHOS DAS INFORMAÇÕES: HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO | 17 |
| 4. A ERA DA PÓS-VERDADE..... | 23 |
| 4.1 INFLUÊNCIA DA PÓS-VERDADE NA QUEDA DAS DEMOCRACIAS | 26 |
| 4.2 ASCENSÃO NOS EUA: DONALD TRUMP E SUA TROPA RUSSA | 30 |
| 4.3 A ASCENSÃO NO BRASIL: BOLSONARO E A LEVIANDADE DO BRASILEIRO | 36 |
| 5. CONCLUSÃO | 46 |
| REFERÊNCIAS | 48 |

1. INTRODUÇÃO

Por conta da evolução da tecnologia influenciando nos meios e nos canais de comunicação, a democratização da disseminação e a quantidade de informações que recebemos é cada vez maior. Somos bombardeados a todo o momento por histórias, dados e fatos que, sem conseguir absorver tudo, fazem com que a geração de conhecimento e opiniões seja esquecida pelo simples cenário da necessidade de rápida absorção das primeiras. Estamos vivendo na chamada era da pós-verdade.

Dispondo de um alto número de informações por minuto, se busca aquelas que estão mais conectadas com o que pensamos e que afirme nossas crenças. Dada à velocidade, não temos tempo para verificar se é uma informação correta ou não. O nome pós-verdade vem exatamente daí: descreve uma situação que, na hora da construção da opinião pública, os fatos, fontes e credibilidade da informação têm menos influência que os apelos às emoções e às crenças pessoais, ou seja, aquilo que tomo como verdade para o sujeito.

A mentira sempre esteve conectada com política em todos os seus espectros. Por muito tempo ela foi rejeitada pela população, sendo honestidade um dos principais fatores de escolha de um governante de um país. Contudo, dado o cenário em que vivemos hoje, políticos que aprenderam a usar a pós-verdade como estratégia para benefício de ascensão têm obtido sucesso nos últimos tempos.

Visando compreender quais são as consequências da influência da tecnologia na ascensão de regimes autoritários, de direita, no mundo, apresenta-se aqui um estudo da era da pós-verdade e de como a opinião pública pode ser utilizada como forma de manipulação da população. O estudo se baseia em entender a forma que dois influentes líderes de direita, com discursos autoritários, Jair Bolsonaro (Brasil) e Donald Trump (EUA), souberam utilizar a tecnologia durante a era da pós-verdade, principalmente no formato das *fake news*, permitindo as suas chegadas ao poder.

Esse trabalho de conclusão de curso está dividido em cinco capítulos: o primeiro permeia o espectro político da direita, explicando suas características com embasamento histórico, mostrando suas particularidades, mudanças e o que se manteve com o passar do tempo; o segundo capítulo discorre sobre a história da comunicação focando nos canais e nos meios, conectando com a tecnologia de cada época e a inferência da mesma no processo comunicacional; o terceiro capítulo tenta entender a era da pós-verdade, tendo uma visão sobre opinião pública e a influência dela na queda das democracias contemporâneas; o quarto e o quinto capítulo buscam analisar como as redes

sociais e a tecnologia ajudou na ascensão de governos de direita que flertam com o autoritarismo, nos EUA e Brasil, respectivamente.

Esse é um estudo de caráter exploratório que busca entender problemas e questões de pesquisa, referentes à tecnologia, pós-verdade e regimes autoritários de direita, para que sejam refletidos adiante.

2. A GUINADA DA DIREITA NO MUNDO

Cada vez mais vemos o conservadorismo ser trazido à tona na Europa, em seus parlamentos ou nas Américas. A onda conservadora em países distintos como o Brasil, Estados Unidos, Hungria, França, Polônia, Turquia, vem crescendo nos últimos cinco anos. Para entender essa guinada à direita de muitos países, é preciso compreender o que é uma ideologia de direita, suas motivações e os passos tomados durante toda a sua história para que chegasse à política mundial atual.

Em termos básicos, hoje, ser de direita é defender a diminuição da participação do Estado na sociedade, buscando assim reduzir a corrupção que se instaura no poder centralizado em poucas pessoas, garantindo também a liberdade individual de todos os cidadãos dentro das regras estabelecidas pela sociedade e buscando conseguir promover o desenvolvimento econômico com o liberalismo. Ou seja, defender a não intervenção do Estado na economia, na livre concorrência, no câmbio-livre e na propriedade privada.

Outro ponto que caracteriza a direita atual é o conservadorismo nos costumes, valorizando a manutenção das instituições sociais tradicionais como a família, a comunidade local e a religião – sendo esses os três principais termos. Ela, portanto, ressalta a continuidade e a estabilidade das instituições, não dando espaço para novas teorias ou qualquer tipo de movimento que atenda às mudanças revolucionárias e/ou progressistas.

Para a compreensão de como o conservadorismo e a direita mundial chegaram nesse ponto é preciso reviver sua história e a dicotomia direita e esquerda. Entender sua origem e os passos dados nos diferentes lugares do mundo nos dará uma visão mais completa de como estamos e por que estamos.

O primeiro relato de conservadorismo pautado como conduta de um grupo foi na Grã-Bretanha no século XVII. Os Tóris, ricos, proprietários de terras, membros do clero e apoiadores da família, institucionais do conservadorismo, buscando sempre garantir os direitos e os interesses de suas categorias, tentavam influenciar escolhas administrativas, representado assim suas classes nas decisões políticas durante esse período na Inglaterra. Em 1784, tornaram-se um partido político, tendo um impacto maior na política inglesa, assumindo abertamente em sua diretriz a palavra “conservador”.

Alguns muitos dizem que os conceitos de direita e esquerda surgiram com os filósofos Hobbes e Rousseau. Thomas Hobbes (1588-1679), ao ter vivido em tempos de guerra, defendeu governantes absolutistas, que, na visão do filósofo, eram capazes de garantir a verdadeira ordem interna. Por esse

motivo, buscava legitimar governantes por vias racionais, não seguindo apenas as doutrinas cristãs. Como resultado, criou sua teoria do contrato social:

Um acordo tácito pelo qual os governados se submetem ao poder do governante – abrem mão de parte de sua liberdade – em troca de proteção e garantia de seus direitos e demais liberdades. Para ele, um governo só é legítimo enquanto o governante cumpre o seu papel no contrato, caso contrário o seu governo perde a legitimidade e os governados tem o direito de substituí-lo (MATTOS, 2016, p. 15).

Para Hobbes, o contrato social só existe uma vez que a natureza humana é egoísta, de caráter falho e imutável. Ou seja, os homens em seu estado de natureza, ponto em que não existe estado, nem leis, nem juízes, são todos os iguais. Sendo assim,

Todos tem capacidade de conseguir as mesmas coisas. Além de serem iguais nas capacidades esses indivíduos, seres isolados, são todos constituídos das mesmas características, devido a uma natureza. Essa natureza os faz desejarem as mesmas coisas, já que tem as mesmas paixões e principalmente tem o elemento pulsante de conservação de vida (PFV DIRENS, 2020).

Tendo em vista essa definição sobre a natureza humana, para obter alguma garantia de justiça e de ordem, é necessária a ideia do contrato que, para Hobbes, é uma transferência mútua de direitos pautados que devem ser seguidos. Isto faz com que os homens abram mão de pequenas liberdades (fazer o que bem entender, na hora que entender) para cumprir os tratados que permitem a existência do Estado. O contrato social é a transferência dos direitos e das liberdades individuais ao Estado para que esse possa assegurar o cumprimento de todos os outros contratos. Para Mattos (2016, p. 15),

O objetivo da política deve ser fazer o possível para criar as condições para uma “vida boa” – não no sentido material ou de riqueza, mas condições nas quais os indivíduos consigam viver de maneira virtuosa, que não sejam obrigados a tomar atitudes imorais para poder sobreviver. Essa é a visão de mundo e da natureza humana que fundamenta a direita.

Já Rousseau, em 1762, explica a ideia do contrato social de uma forma diferente trazendo novas ideias ao debate. Assim, tornou-se uma das principais referências para a Revolução Francesa (1789) que, de uma forma ou de outra, institucionalizou as denominações direita e esquerda para o seguimento da política.

Para Rousseau, o estado de natureza é totalmente contrário ao de Hobbes: os homens são felizes, benevolentes, guiados por um sentimento de compaixão, “os homens são bons, a sociedade que os corrompe”, ou seja, quando são guiados por governos ou instituições ruins, podem vir a tornarem-se maus. A ideia do contrato social de Rousseau é diferente da de Hobbes por entender que

ela não advém do medo e da insegurança (necessidade de ordem), mas sim de um meio de melhorar a existência humana. Ele seria a forma de garantir a liberdade individual de cada pessoa, de maneira que fizesse com que prevalecesse a soberania da sociedade, da vontade coletiva. Para que isso realmente funcionasse é necessário que as pessoas sejam iguais – uma das ideias fundamentais da esquerda. O contrato social seria importante, pois

Os homens, depois de terem perdido sua liberdade natural, necessitam ganhar em troca a liberdade civil, sendo tal contrato um mecanismo para isso. O povo seria ao mesmo tempo parte ativa e passiva deste contrato, isto é, agente do processo de elaboração das leis e de cumprimento destas, compreendendo que obedecer a lei que se escreve para si mesmo seria um ato de liberdade (RIBEIRO, 2020).

Muito dos contextos e ideias de Hobbes e Rousseau são vistas até hoje nas diretrizes e convicções da direita e esquerda, apesar desses nomes terem surgido durante a Revolução Francesa (1789-1799), momento em que houve a separação ideológica com base no posicionamento físico (esquerda ou direita) dos que ocupavam as cadeiras da Assembleia Constituinte, “os girondinos sentavam-se na direita e defendiam os atuais detentores do poder econômico, enquanto os jacobinos e os coreliers sentavam-se na esquerda e defendiam a reforma do sistema” (ARRAIS; CARVALHO; TEO, 2016, posição 54).

No parlamento tínhamos de um lado os monarquistas conservadores que defendiam o Antigo Regime, pertencentes à nobreza e ao clero, detentores dos ideais e das instituições, enquanto do outro estavam os republicanos revolucionários e a burguesia, que queriam mudar o *establishment* da época, ou seja, a ordem ideológica, política e econômica que regia o Estado naquele momento. Por bastante tempo, foi essa a denominação encontrada. Com o passar do século XIX, aos poucos os burgueses acercaram-se da direita ao instituírem, junto com o conservadorismo, o capitalismo como o novo *establishment* enquanto os marxistas se tornavam os revolucionários de esquerda.

Claro que utilizar a história da Revolução Francesa é uma forma simplista de se denominar os espectros políticos e isso por si só demonstra a dificuldade de se caracterizá-los. No entanto, vemos em todos os grupos que por lá já estiveram, da esquerda ou da direita, características semelhantes e as principais são as diretrizes revolucionárias e conservadoras, respectivamente.

Conservadores tem a tendência natural de se opor a propostas de mudanças, exceto as lentas e cuidadosas, admitem a natureza humana como intrinsecamente falha, e buscam preservar as instituições, tradições e hábitos que, mesmo imperfeitos, tenham sobrevivido aos testes do tempo. Em contrapartida, revolucionários são os que pretendem modificar profunda e drasticamente essas mesmas coisas (ARRAIS; CARVALHO; TEO, 2016, posição 124).

Outra forma possível de caracterizar os dois espectros é através da análise institucional. Percebe-se que, em formato de sociedade, somos um emaranhado de instituições (família, religião, costumes) configuradas em diferentes comportamentos quanto a hábitos sociais, leis, normas, crenças, etc. Essas instituições tendem a se tornar comum a todos quando são testadas e aceitas, nomeadas de instituído. Quando uma nova ideia aparece e demonstra que existem formas melhores de se fazer algo, ou de mudar alguma instituição, podemos chamá-la de instituinte. Portanto, o instituído é a forma conservadora das instituições, enquanto que o instituinte é a forma revolucionária: direita e esquerda, respectivamente.

Como já apresentado, assim que a burguesia assumiu um ponto de destaque na sociedade, tornando-se o novo *establishment* e agregando o capitalismo aos conceitos conservadores, transformou-se no novo instituído. Nas décadas de 1820 e 1830, a direita fez-se defensora dessa ordem enquanto a esquerda buscava, por meio de ideias instituintes, diferentes formas de revolucionar e melhorar a vida da sociedade como um todo. Essas foram consequências dessa chegada ao poder, mesmo com os tempos sendo marcados por grandes manifestações em toda a Europa, os novos partidos conservadores estavam cada vez mais ganhando força.

Após a derrota da França Napoleônica, em 1815, o Congresso de Viena, uma conferência das grandes potências europeias, teve uma importante função na disseminação das diretrizes conservadoras por toda a Europa. Além do tradicionalismo, o legitimismo reapareceu, trazendo de volta a monarquia em países como Inglaterra, França e Rússia, reorganizando as fronteiras do continente e restaurando a ordem absolutista do Antigo Regime. Apesar dessa onda, o liberalismo ainda ganhava espaço, aparecendo nos parlamentos graças à ascensão da burguesia e sua influência por toda a Europa. O lado econômico também privilegiou a força burguesa, com os avanços industriais, ameaçando constantemente o conservadorismo clássico europeu, o clero e a nobreza. A vida política europeia iniciava-se com diminuição do espaço dos conservadores no eleitorado e organizações de sindicatos.

Outro movimento forte da época era o nacionalismo que se apresentava nas classes mais conservadoras e extremistas da Europa Ocidental. Foi o início das ideias de unificação que depois seriam colocadas em prática por Itália e Alemanha.

Sua estratégia foi seguida com mais vigor na Alemanha, onde a unificação dos estados alemães em uma única nação se tornou uma preocupação central de liberais e conservadores em meados do século XIX. O chanceler prussiano Otto von Bismarck usou sentimentos nacionalistas estimulados pelas guerras bem-sucedidas da Prússia contra a Dinamarca (1864), Áustria (1866) e França (1870-1871) para criar uma Alemanha unida sob a monarquia prussiana em 1871 (VIERECK et al., 2020).

Foi a partir da retomada alemã que nasceu um dos pilares do nacionalismo: a ideia de que uma nação é de alguma maneira superior às demais. Bismarck, apesar do conservadorismo e do nacionalismo, para que as classes operárias e trabalhadoras não flertassem com o Partido Social Democrata, instaurou durante todo seu governo inúmeras medidas de cunho social como pensões e seguros desemprego. Isso evitou conflitos entre as diversas classes sociais alemãs até o final da Primeira Guerra Mundial. É possível observar que durante todo o final do século XIX, muitos outros países já estavam também se aproximando de ideias nacionalistas em suas diretrizes políticas, sendo crucial para o aumento da rivalidade internacional e para o estímulo à guerra.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a derrota dos principais países conservadores da época como o Império Austro-Hungáreo e a Alemanha, seus respectivos partidos foram quase que dizimados com a ascensão dos nacionalistas nos anos de 1920, sendo estes forçados a compactuar com a onda nazifascista. A propaganda nazifascista fez com que esses ideais ganhassem espaço na mentalidade da população através de rádios, cartazes e comícios a fim de divulgar os ideais radicais e extremistas.

Na Itália, Mussolini subiu ao poder convidado pelo Rei, para a posição de primeiro-ministro. O que ele realmente utilizou para alcançar o poder foi a grande divisão política, o medo do socialismo e a ameaça de violência do grupo “camisas negras”, seguidores de Mussolini na época. Por conta disso, os atuais do governo viram nele uma estrela política que poderia ascender e neutralizar a agitação da Itália na época. Os estadistas italianos ficaram em fervor com a subida do mercado de ações. Todavia, o fascismo instaurado no passar dos anos não causou a mesma sensação.

A Alemanha sofreu muito durante todo o período pós-guerra e com a grande recessão de 1929, tentando retomar de diversas formas o crescimento econômico, mas sempre fracassando. Era preciso alguma mudança. Os conservadores alemães entenderam que seria necessário colocar no governo um *outsider*, um populista. Assim como na Itália, foi com a ajuda dos governos da época que Adolf Hitler virou chanceler no ano de 1933, levando seu partido, o Nacional Socialismo, para outro patamar na política europeia.

Os principais pontos dos dois governos eram o radicalismo, com elementos ditos nacionalistas, trazendo o discurso de ódio e as ideias de supremacia racial. O que podemos colocar como as principais características do nazismo, sempre dentro dos elementos nacionalistas e de supremacia racial são a utilização da propaganda como controle da população, o antissemitismo, a homofobia e o racismo. Hitler atribuía a esses grupos muitos dos problemas que aconteciam na

Alemanha na época. Por essas razões, aconteceu o holocausto, com a morte de milhões de pessoas, na sua grande maioria, judeus.

Ao final da Segunda Guerra Mundial todo o furor nacionalista radical desacelerou. Com a derrota do fascismo e do nazismo, os partidos conservadores da Europa Ocidental estavam novamente a postos, ganhando espaço nas eleições com suas diretrizes e promessas de crescimento, recuperação econômica e liberdades democráticas. Pelo resto do século XX, os partidos conservadores se concentraram nas liberdades individuais, questões de mercado e serviços sociais. Cada vez mais o conservadorismo estava ligado ao desenvolvimento industrial e ao avanço empresarial que tomava a Europa Ocidental pós-guerra, opondo-se ferrenhamente às políticas comunistas soviéticas.

A divisão e polarização política do período pós-guerra, as corridas armamentistas, espaciais e a busca à retomada e revitalização dos países foi uma forma de trazer novamente o discurso de ódio à tona. Os principais atores dessa divisão, principalmente nas décadas de 50 e 60, eram URSS e os EUA.

Na Alemanha, a polarização foi mais evidente com a divisão física entre a Oriental e Ocidental, que separava a parte capitalista da parte socialista. Era a representação mais palpável da cortina de ferro, metáfora criada por Winston Churchill sobre a influência soviética na Europa e a gigantesca separação econômica entre o leste europeu e a Europa capitalista. Tornou-se realmente tangível, e não somente uma metáfora, após a construção de muros de proteção pelos soviéticos, sendo o Muro de Berlim o mais famoso de todos. Diante disso, o foco era uma polarização ideológica e não mais apenas os sentimentos nacionalistas como outrora. Os partidos conservadores, em sua visão, tinham o dever de não deixar a imagem comunista chegar mais próxima ao Ocidente.

A França foi um ponto de dispersão do conservadorismo. Em termos de partidos, nenhum dos ditos de direita teve representatividade nos anos seguintes ao final da Segunda Grande Guerra.

Um marco importante durante a década de 50, fora da Europa, foi a Revolução Cubana de 1959, movimento guerrilheiro com as lideranças de Che Guevara e Fidel Castro. Conseguiram, com ataques em Sierra Maestra, derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista, que chegou ao poder através de um golpe que teve a duração de sete anos. Durante todo esse tempo, mantendo uma ditadura militar, ele governava oprimindo seus opositores, além de atender os interesses dos Estados Unidos. Eric Hobsbawm explica a queda de Fulgêncio, em seu livro *Era dos Extremos* (1995, p. 426):

Fidel venceu porque o regime de Batista era frágil, não tinha apoio real, a não ser o motivado pela conveniência e o interesse próprio, e era liderado por um homem tornado indolente por longa corrupção. Desmoronou assim que a oposição de todas as classes políticas, da

burguesia democrática aos comunistas, se uniram contra ele, e os próprios agentes, soldados, policiais e torturadores do ditador concluíram que o tempo dele se esgotara.

Toda essa questão política causou o rompimento entre as diplomacias de Cuba e Estados Unidos, concretizando-se com o início do embargo econômico delimitado pela nação norte-americana, aproximando Cuba dos soviéticos. Era mais uma clara representação da disputa e divisão ideológica da época.

A década seguinte passou por anos de luta contra o conservadorismo e os ditos “bons costumes”. Muitos grupos atuaram contra preconceitos exacerbados como o racismo, machismo e homofobia. O início dessas lutas deu-se na década de 60, ao mesmo tempo em que golpes políticos se apresentaram principalmente na América Latina, trazendo com ânimo as ideias de direita para o cenário de diversos países. Exemplos desses regimes foram: o Golpe de 1964 no Brasil, as ideias de Pinochet no Chile, a ditadura na Argentina com Oganía, Uruguai e Paraguai marcados pelo conservadorismo. As principais motivações das ditaduras latino-americanas eram o afastamento dos pensamentos comunistas, as tradicionais instituições (a família, a religião e a pátria) e também os conflitos econômicos.

Durante os anos 1970, esses foram pautas na América do Sul, enquanto que na década de 1980 inicia-se uma reparação histórica com relação às causas sociais. Os Estados Unidos, por exemplo, tiveram Reagan em seu comando durante toda a década e foi ele, a partir de diversas ações, juntando o pensamento liberal com o conservador, quem definiu muitos dos ideais que seriam utilizados até hoje durante o final do século XX, como o neoliberalismo e o neoconservadorismo.

No Brasil, tivemos a queda do regime militar. Houve um enfraquecimento do regime, com os ideais de redemocratização, manifestações populares, buscando assim a abertura política e alcançando a criação de uma nova Constituição em 1988. O ano seguinte, para o mundo, foi também um ano importante com a queda do Muro de Berlim. Pode-se concluir que este evento está diretamente relacionado à desintegração do bloco das nações socialistas, marcando o processo de reunificação da Alemanha.

Durante os anos 1990 e 2000, no Brasil e no mundo, se teve poucas alterações ou guinadas aos extremos. Já com a democracia, o Brasil realizou um intenso trabalho no setor econômico pautado pelo presidente da época, Fernando Henrique Cardoso, que focava na estabilidade econômica com Plano Real. Embora houvesse alguns elementos de direita em seu comando, como a privatização de empresas e criação de agências regulatórias, o conservadorismo extremista foi perdendo popularidade e a troca de governo foi inevitável. As ideias sociais e de assistencialismo, a busca pelo crescimento

econômico, foram o marco do governo de Luís Inácio Lula da Silva durante a década de 2000 no país. As mudanças estruturais propostas por Lula reviveram debates polarizantes como os que temos no Brasil hoje.

Chegando à atualidade, é possível observar uma imensa guinada da direita e ao conservadorismo em diversos países, como, por exemplo, a eleição de Trump em 2016 e suas políticas conservadoras nos EUA. Na Polônia, o partido de extrema direita com suas políticas populares de benefícios sociais está cada vez mais obtendo apoio. O PIS (Partido Nacional Conservador Lei e Justiça) almeja maiores resultados, para assim, conseguir mudar a Constituição e transformar o país em um Estado enraizado no catolicismo e conservadorismo, rejeitando pautas da esquerda como os direitos dos LGBT's e o aborto.

De acordo com a União Europeia, nos quatro anos que estive no comando da Polônia, o PiS promoveu reformas que corroeram a independência da Justiça no país. A legenda, por sua vez, alega que as mudanças são necessárias para tornar o sistema mais eficiente e justo (WELLE, 2019).

Utiliza-se de mídia pública para chegar à população e tem muitas ideias pautadas na censura, estatizando os meios de comunicação. Outro exemplo dos dias atuais é a Áustria que, desde 2015, vem apresentando mudanças em seu pensamento político. Apesar do escândalo político do partido de extrema direita e da nova coalizão de Sebastian Kurz com o partido ecologista, sutilmente identificado com a esquerda, o conservadorismo ainda é quem dita às regras na Áustria, principalmente em decorrência da crise migratória europeia.

Outro local que a força da direita é crescente é na América Latina, com a descrença nos poderes governamentais somado aos problemas políticos de corrupção, intensifica-se o plano favorável para as ideologias conservadoras, pautadas na família, nas instituições, nos bons costumes e “contra a corrupção” se apresentem como a solução para todas as camadas das sociedades, inclusive aquelas que antes não se aproximavam desse tipo de discurso.

Conseguimos observar ao redor do mundo essa possível tendência à recessão democrática em prol dos bons costumes e instituições. As pessoas estão cada vez menos crentes no papel da democracia como a melhor forma de governança e por isso podemos ver essas guinadas à extrema-direita que se apresentam em todo o planeta nos últimos anos.

3. OS CAMINHOS DAS INFORMAÇÕES: A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO

A Comunicação estuda como se dão as relações interpessoais, sendo uma das principais áreas do conhecimento estudado ao longo do tempo. A Comunicação é por si só imprescindível à vida de qualquer pessoa, e todos são totalmente dependentes desse recurso. É a partir da Comunicação que temos a possibilidade de interação do indivíduo com o mundo, sendo essas outras pessoas, a natureza, os objetos, etc.

A comunicação está por toda parte, compõe cada instância do discurso – seja pela compreensão, ou pela ausência dela. Suas funções, seus objetivos podem estar em diversas direções. Seja pelo bem comum, pelo encontro de pontos que unam pessoas, comunidades, civilizações e seus componentes, seja mesmo pelo alcance de metas de distintas nuances e matizes (FARIAS, 2019, p. 121).

Ela existe desde os primórdios da vida humana. Na idade da pedra, os sinais, expressões faciais, gestos e desenhos definiam as trocas comunicacionais. Por conta dessa transformação, surgiu uma das primeiras e principais funções da comunicação: a sobrevivência. Entender, a partir dos gestos e das expressões, se estavam ou não sofrendo alguma ameaça. Durante todo o percurso de aprimoramento da comunicação, muitas outras funções foram surgindo, como a transmissão de ideias e de emoções, a redução de incertezas, conexão e vínculo entre pessoas, controle, motivação, evocar lembranças, e a principal delas: facilitar o processo de tomada de decisões por meio da divulgação de informações.

Para que a comunicação seja efetiva são necessários quatro elementos essenciais, existentes desde os seus primórdios: o emissor, aquele que emite a mensagem que vai ser passada, podendo ser uma pessoa, um grupo, uma instituição; o receptor, aquele a quem se destina a mensagem, podendo esse também ser uma pessoa, um grupo, ou seja, o público; a mensagem em si, que é o objeto da comunicação, constituída pelo conteúdo transmitido, ou seja, qual a informação que deve ser passada; e o canal de comunicação (visual, sonoro ou sinestésico), ou seja, o meio utilizado que permite a transmissão da mensagem do emissor ao receptor, é ele que assegura a circulação da mensagem.

Durante o passar do tempo, tivemos muitas mudanças em toda a teoria da comunicação de modo geral. Um dos pontos que mais evoluiu com o passar dos tempos foram os canais de comunicação. Das primeiras expressões faciais e gestos, às representações gráficas, feitos por utensílios básicos no período paleolítico, passando por gravações mais elaboradas em madeira e metal, desenvolvendo a escrita, os hieróglifos, papiros, entre outros. Depois, a função da comunicação como transmissora da informação, por meio de notícias, se tornou cada vez mais importante, com destaque para a alta relevância do papel do jornalismo.

Mesmo não se sabendo ao certo a origem exata, muitos historiadores atribuem essa invenção ao Imperador Romano Júlio César. Boas ideias surgiram deste formato de se levar informação à população, como a criação da Acta Diurna, o primeiro jornal da qual se tem registros no mundo. Algumas das características que ainda equiparam às Actas aos jornais contemporâneos são: a periodicidade das informações, a frequência de publicação, a notícia como sendo o principal núcleo de conteúdo, os escribas (primeiros jornalistas) que trabalhavam exclusivamente na redação do jornal, a difusão pública, e naquela época, gratuita da informação, a possibilidade da difusão da informação em massa, uso de diferentes suportes para se passar uma mesma mensagem, e as primeiras ideias de iniciativa privada como uma empresa jornalística, não somente nas mãos do Estado.

Mesmo com a evolução da troca de informações no formato de notícias do jornal em si, durante os anos que se sucederam, foi somente após uma das maiores invenções da humanidade, o sistema tipográfico de Gutenberg (a famosa prensa de papel), que se possibilitou a difusão em massa de livros, manuscritos e outros tipos de publicação. A partir disso, a cultura escrita começa a adquirir importância superior à cultura oral.

A invenção de Gutenberg foi, assim, uma resposta engenhosa às necessidades de assegurar às pessoas, que crescentemente usavam e admiravam o documento escrito, uma maneira de transmitir mensagens escritas fielmente, à distância, para um elevado número de indivíduos e a baixo custo (SOUSA, 2008, p. 69).

A invenção da prensa de papel foi o meio que propiciou a automatização do trabalho que antes era feito manualmente. Muitos outorgam essa invenção como o ponto de mudança da Idade Média para a Era do Renascimento, com o despertar definitivo da ciência e do jornalismo profissional, propagando a tecnologia, facilitando a publicação de jornais e livros, surgindo também na época à profissionalização da atividade do propagador de informação, o jornalista.

Outra invenção que veio para facilitar a difusão da informação em massa, sendo um dispositivo extremamente auxiliar para a transmissão, foi o telégrafo em 1844. Segundo Gonçalves (2015, p. 140), “o telégrafo surge como importante tecnologia da comunicação que possibilita uma aceleração brutal na circulação de informações, engendrando, aos poucos e lentamente, um sistema de redes interligadas”. Essa nova ferramenta possibilitou a rapidez na propagação de informações. O que antes demoravam dias passou a acontecer em minutos, transformando a imprensa em uma ferramenta mais ágil.

Os jornais serviam para levar informações verídicas à população, utilidade política, portanto, era sempre necessária a apuração dos fatos. Com o surgimento do telégrafo, essa apuração pôde ser

feita de forma mais eficaz, apesar de ainda se enfrentar dificuldades em apurar os fatos de suas notícias. Mesmo com o desenvolvimento de novas ferramentas, a comunicação estava nas mãos de pessoas de poder, detentores desses meios, possibilitando a escolha de qual informação, verídica ou não, será circulada.

Um exemplo da importância política da imprensa foi durante o período da Primeira Guerra Mundial, como as notícias falsas divulgadas afirmando que os alemães possuíam fábricas em que cadáveres de seus inimigos eram utilizados para a produção de sabão e graxas, noticiada em 1915, pelo jornal *North China Daily News*. Outro exemplo é o relato do livro “Mensageiros do Desastre” de Annete Becker, que explica que, durante a guerra, os ingleses difundiam propagandas contra o exército alemão, afirmando que esses esmagavam crianças belgas contra os muros, numa tentativa de diminuir o moral e aumentar o ódio contra os alemães. Todas essas notícias falsas tiveram uma grande influência e consequências das ações seguintes.

A repercussão afetou, anos mais tarde, a recepção dos horrores que foram cometidos nos campos de concentração da Alemanha de Hitler ou mesmo os relatos dos soldados norte-americanos que liberaram Dachau; a população tendo certa dificuldade em acreditar nas notícias (LIMA, 2019, p. 11).

Diferenciando-se dos formatos escritos, o rádio transformou os meios de comunicação a partir da década de 1920, tornando-se uma mídia concorrente ao jornal escrito. O rádio, conseguindo transmitir a informação velozmente, foi visto como grande atrativo para os anunciantes e se tornou também a preferência do público. Ele por si só também era um elemento de poder político e uma forma de deter e propagar a informação que mais lhe convém, seja ela criada ou apurada. Era por meio do rádio que surgia a oportunidade de influenciar as massas quase que instantaneamente. No período entre guerras e pós-guerras, o rádio foi muito importante para os diversos acontecimentos políticos que se sucederam.

Podemos ver uma interligação muito grande com o avanço do rádio e do conservadorismo, andando lado a lado. Nas ditaduras e nos governos de direita, os meios de comunicação sempre foram uma ferramenta muito importante para disseminar seus ideais populistas e políticos, trazendo as instituições sempre à tona.

Personalidades como Franklin Roosevelt, Getúlio Vargas, Josef Stalin, Benito Mussolini e Adolf Hitler estavam presentes nas casas de todas as famílias que possuíam o aparelho. Isso aumentou o alcance dos ideais que cada personalidade política pregava tanto no período entre guerras mundiais quanto durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (LIMA, 2019, p. 11).

Os jornais buscam se reinventar a fim de seguir na competição com o rádio. Assim surge o fotojornalismo, apresentando publicações com fotos grandes e coloridas, buscando também ter uma linguagem mais popular e criando novas seções que poderiam agradar mais seu público, como o editorial de esportes.

Já a televisão teve seu papel como principal canal de mídia do mundo durante todo o século XX, ocupando essa posição até hoje. Ela deu mais agilidade à propagação de informações e também dando mais poder àqueles que as detinham. A influência da televisão sob a formação da opinião das pessoas sempre foi impressionante, dada à possibilidade de alcance e massificação da mesma, transformando o planeta em uma aldeia global.

A televisão também foi um meio político de se disseminar informação, verídica ou não. Durante o período nazista na Alemanha, Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda de Hitler, utilizou-a para propagação da propaganda nazista produzindo assim a informação contra a democracia e mostrando os ideais do governo de Hitler de forma massificada. Em cenários mais recentes e a favor da democracia, as manifestações políticas “Diretas Já”, no Brasil, no final do período do Regime Militar.

Com toda essa evolução, chegando aos dias atuais, pode-se afirmar que a internet é o meio de comunicação mais usado na atualidade. Seu surgimento está diretamente relacionado à evolução dos meios eletrônicos como o rádio e a televisão, como escreve Sousa (2008, p. 174):

As sociedades humanas são crescentemente midiaticizadas, graças ao aparecimento, no século XX, dos meios eletrônicos de comunicação, que, gradualmente, foram tendo maior alcance até chegarem, nos dias de hoje, ao alcance mundial, devido aos satélites e cabos. Inicialmente surgiram meios de difusão massiva de mensagens, como o rádio e a televisão. Esses meios, que tiveram um enorme impacto a todos os níveis (na política, na economia, nos assuntos militares, na cultura, etc.), sofreram uma evolução similar à imprensa, tornando-se crescentemente diversificados e segmentados, estando a evoluir, agora, para uma certa interatividade e para a convergência (confluência gradual dos meios de comunicação para um único suporte que funcione como aparelho de telecomunicações, receptor de rádio e TV, computador, etc.). Por seu turno, o desenvolvimento das telecomunicações e da informática gerou a Internet, o meio mais capaz de proporcionar interatividade e de projetar o individual e o local no global.

Com o surgimento da internet nos 90, apesar da grande mudança tecnológica, vemos também uma grande transformação no âmbito da comunicação. Cada vez mais o planeta foi se transformado em uma aldeia global dada à velocidade da troca das informações e sua eficácia. A quantidade de informações e de conteúdo na internet é grandiosa. Se antes era difícil a verificação das informações, com esse meio, esse se tornou algo pior. A internet se torna o principal espaço de disseminação de

informações com vieses políticos. Aqueles que sabem utilizá-la como ferramenta de comunicação, mas principalmente como ferramenta política, torna-se muito poderosos já que criam espaços perfeitos para a disseminação de falsas informações – denominadas de *fake news*.

As ferramentas principais de disseminação das *fake news* são as redes sociais. Mais de dois bilhões de pessoas são usuárias de redes sociais no mundo e todas são livres para postarem o que tiverem vontade, sem a necessidade de verificação da informação apresentada. Surgiram como novas oportunidades de interações com diversas pessoas do globo, com uma estrutura de inter-relação pessoal onde cada um pode se relacionar de acordo com as suas preferências e particularidades. Trata-se de uma ligação social e conexão entre pessoas, porém com o passar do tempo, se tornaram cada vez mais meios de comunicação e de disseminação de informações do que plataformas de relacionamento.

Acho mesmo que a maior mudança foi nas expectativas, essa mudança na cultura. O compartilhamento de informações, seja postar receitas para nossos amigos, em sites de redes sociais ou ler notícias no celular, ou compartilhar fotos de nossas férias se tornou uma atividade normal do cotidiano e cria uma conexão que não existia antes do advento da mídia social (WICHOWSKY, 2016).

E o principal ponto que podemos perceber é que o que realmente influenciou toda essa mudança foi como as pessoas reagiram à ferramenta apresentada. Houve a mudança de se obter mais oportunidades de aprender e compartilhar informações, mas a principal mudança foi à relação das pessoas com essas mídias apresentadas.

Todavia, o que eram para serem benefícios para uma parte da população, por se tratar da facilidade de consumir informações rapidamente, as mídias sociais trouxe o encorajamento de sermos mais críticos com relação às informações que recebemos.

Porém, pelo mesmo motivo da quantidade de informações que podem ser compartilhadas, foi nas mídias sociais que as *fake news* encontraram o seu local de compartilhamento, posts, *retweets* e disseminações. Como a internet e as redes sociais são ambientes realmente livres de comunicação em que todos que têm acesso estão aptos a postar, compartilhar, *tweeter* o que bem entenderem, sem, a princípio, passar por órgãos reguladores e verificadores de informações, facilitou muito a propagação de notícias falsas. Dizemos a princípio, que as organizações estão sendo cobradas pela própria sociedade, para ajudar no controle de divulgação e publicação de *fake news* e as grandes companhias estão iniciando um processo de verificação como, por exemplo, com os *tweets* de Bolsonaro e Trump que foram excluídos por conterem uma notícia falsa, ou com as verificações que estão ocorrendo no Instagram e no Twitter com relação a notícias falsas.

A internet cada vez mais dá liberdade para que as pessoas possam ir contra aquelas que detêm o controle das informações, como, por exemplo, as mídias tradicionais, e é uma forma de encontrar outras pessoas que também tenham esse sentimento. Mas por conta disso, também é uma forma de se ignorar os fatos e a realidade apresentada, para que se viva sua própria história.

As pessoas sempre negaram a existência de certas evidências que as deixam desconfortáveis, com as quais não querem lidar. Mas acho que é mais fácil de achar outras pessoas como você, é mais fácil procurar a “verdade” que é conveniente pra você on-line, por que existe muita informação por aí (WICHOWSKI, 2017).

Farias (2019) explica em seu livro “Opiniões Voláteis” o quanto as tecnologias e redes sociais foram importantes para a disseminação de notícias falsa e a confiabilidade das pessoas nessas notícias:

Com a tecnologia, esse processo passou a ser de domínio público, de fácil produção, mas o que se pode perceber é o grande investimento em redes de construção de sentido, de acordo com Daniel Reis da Silva (2017) os think tanks ideológicos, que potencializam a “embalagem” de verossimilhança, mesmo sem ofertar em seu conteúdo a verdade, atingindo de forma massiva diversos públicos, dos mais diferentes níveis receptivos (FARIAS, 2019, p. 24).

Podemos afirmar que, além disso, as redes sociais são mais um espaço que grupos conservadores agora se utilizam para propagar seus conteúdos, ideais e reforçar as suas instituições, antes presentes apenas nos meios impressos e analógicos.

4. A ERA DA PÓS-VERDADE

O dicionário Oxford elegeu em 2016 “pós-verdade” como a palavra do ano, em decorrência da inflamação política da época e também como reflexão daquilo que era visto no mundo no momento. Define-se como sendo “relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (OXFORD, 2018). De um modo simplificado, pós-verdade é uma circunstância em que as pessoas ignoram fatos e a realidade a fim de favorecer sua própria opinião ou ideais.

O termo pós-verdade foi utilizado pela primeira vez em 1992, por Steve Tesich, quando o mesmo relacionou o incidente em Watergate, na renúncia de Nixon, com alguns possíveis acontecimentos pós-guerra do Vietnã. Kreitner (2006) alude que “não importando o quão verdadeiras ou importantes elas fossem, criar uma pós-verdade era mais importante, desde que, essa pós-verdade, fosse o que a população gostaria de ler”.

Portanto, é possível perceber que desde a década de 1990 já existia a ideia primária de se manipular a verdade em favor de interesses, optando-se por acreditar em “verdades convenientes” ou em “fatos alternativos”, buscando sempre manipular informações a próprio favor.

O termo e sua explicação se assemelham muito à mentira, que sempre esteve presente, principalmente no meio político. Porém, se diferencia quando entendemos que a mentira é sinônima de erro, de algo inaceitável, quase como uma ojeriza ou um asco, enquanto que a pós-verdade é algo “interessante” de se ouvir, sendo cada vez mais usado como estratégia formadora de opinião pública. Os políticos estão percebendo uma crescente incredulidade e desinteresse da população nas mídias e na busca pela fonte das informações, incluindo questões como autoria e confiabilidade. Dessa forma, utilizam de tais táticas para influenciar a opinião pública. Farias (2019, p. 19) pontua:

Opinião é construção, deve vir de processo de debate, de diálogo. Está presente em todo ser humano, mesmo que nem todas as sociedades permitam a sua livre expressão e circulação, afinal, a plena liberdade é defendida em alguns momentos, de modo fantasiado, como expressão para a superioridade, para a desigualdade, entrando em choque, por vezes com a noção de igualdade. E em se tratando de Opinião Pública, nem sempre a sua construção se dá de forma plena, com a possibilidade de cidadãos que tenham ampla capacidade de acesso à informação e liberdade para a crítica.

Assim, dada à democratização da comunicação, processo que facilita a divulgação de conteúdos sem que o indivíduo arque com as responsabilidades daquilo que compartilha, somado ao fato da carência de motivação da procura por fontes, estamos mais suscetíveis a receber *fake news* e propagar pós-verdades. Nesta conjuntura, as possibilidades que a internet apresenta (grande quantidade de informações, conectado com a urgência de expor opiniões que confirmem nossos ideais), fazem com que essas novas proporções incrementem a capacidade da abrangência, de amplitude e do imediatismo da mensagem.

Como assinalado anteriormente, a pós-verdade tem como principal intuito manipular a opinião pública, reforçando assim o que é mais conveniente e condizente com aquilo que as pessoas pensam. A construção do pensamento individual surge a partir do que cada um consegue entender de realidade, de suas vivências, experiências, dos seus anseios e predileções. Opiniões são construídas embasadas na vivência real e íntima, somente por partes, enquanto na maioria das vezes, o interesse, as impressões e relatos de outros influenciam muito mais, como explica Lippmann (2008, p. 83) “inevitavelmente nossas opiniões cobrem um largo espectro, um longo período de tempo, um número maior de coisas que podemos observar. Elas têm, portanto, que ser formadas de pedaços juntados do que outros nos relataram e do que podemos imaginar”.

Portanto, podemos compreender que não existe uma opinião que seja totalmente individual. Pode-se fazer essa afirmação, principalmente pelo fato de que ela é formada a partir de relatos, impressões particulares e de outras pessoas, de influências. Logo, uma opinião dita individual ao ser expressada já está, neste exato momento, se relacionando com outras opiniões e outros públicos, tornando-se assim uma opinião pública. Não devemos separar a opinião individual da opinião pública. Cada novo fato, nova experiência, cada nova conexão ou lugar, influenciam na transformação das opiniões. Elas não são imutáveis “e as opiniões são voláteis. (...) Opiniões se reconfiguram a todo o tempo, assumindo novas formas, novas posturas” (FARIAS, 2019, p. 22). Sua volatilidade a torna fácil para que as pessoas possam encontrar referências daquilo que entendem como suas “verdades convenientes”. Essa é a beleza e o martírio da volatilidade da opinião pública.

A opinião pública, por si só, é um lapidador da liberdade dos cidadãos, de forma que cada um pode expressar a sua. Mas, numa interpretação mais cética, a opinião pública também é uma forma de influência, transformando a mesma num constante ciclo de formar opinião e ser influenciado por relatos de outros. Mesmo com todos os indivíduos tendo o direito de formular cada um o seu próprio julgamento, ele sempre será pautado por influências e experiências.

Um ponto positivo da opinião pública é sua importância em criar uma oposição à mídia tradicional, trazendo reflexões diferentes de mundo, agregando novas ideias e tendo, como principal apoio, as novas tecnologias da informação. Muitos exemplos da grande geração de notícias falsas, em todo o globo, estão mostrando o real poder da opinião pública e da pós-verdade, ainda que pautadas na realidade. Isso acontece cada vez mais por conta desse movimento que a opinião pública está tomando e a influência que a tecnologia tem sobre esse processo é gritante e altamente influente.

Não obstante, com relação a essa influência das redes sociais na opinião pública e as consequências tomadas em decorrência dessa virada que estamos vivendo, Farias (2019, p. 45) evidencia alguns fatores, sendo estes:

- a) as grandes mídias/redes estão sob controle de grandes grupos, mantendo o formato de oligopólio que as redes analógicas apresentaram no século passado;
- b) o sistema matemático de “encontro” de atores-mídia faz que aumentem os blocos opinativos: pensar junto, viver junto, dizer junto;
- c) o nível de informação presente nas redes e a fragilidade de checagem de informações é muito grande, de forma oposta à capacidade de disseminação;
- d) a emoção condiciona a capacidade de receber mensagens e, por conta disso, gera-se a pós-verdade;
- e) as fake news ganharam força e se tornaram ação de propaganda ideológica, utilizando-se de mídias muitas vezes de difícil monitoramento.

Entendemos que a internet, por meio das redes sociais e seus algoritmos, influencia expressivamente a opinião pública. A mídia, ao se manter no formato tradicional, antigo, leva certo descrédito à população devido à falta de confiança nos grupos que detém o poder da mesma. Muitas vezes, acaba-se criando conteúdos que reafirmam suas posições, opiniões, não abrindo espaço para o debate ou para a confirmação da credibilidade das informações.

Outro ponto, como já dito anteriormente, é a quantidade de informações disponíveis na rede, a democratização destas. Isso somado a com a fragilidade da checagem e o fator emocional influenciando no acreditar naquilo que é mais conveniente ajuda na geração da pós-verdade, por meio das *fake news* que ganham cada vez mais forças nesse tipo de mídia.

Algo que também influencia muito a propagação da pós-verdade é a utilização da tecnologia para fazer crescer esse pensamento binário que cada vez aparece em tempos de extremismo político. A polarização é um fator que faz com que a busca pela informação que corrobore com a sua própria visão, não importando com a confiabilidade ou credibilidade da mesma, seja mais latente na sociedade. E a tecnologia, os algoritmos com a criação dos grupos de mesmo pensamento, a democratização da informação e todos os outros pontos já citados nesse trabalho colaboram muito com isso.

Toda essa polarização, nos tempos atuais, contribui para o aumento dos discursos de ódio, gerando assim diversas formas de violência. Muito por conta do aumento das fontes enunciativas de opinião, faz com que as pessoas, mesmo sem saber o real motivo, em face do seu propósito, escolhem um inimigo em comum, trazendo esse sentimento de oposição, motivado pela sensação de prejuízo, gerando o furor e a indignação.

4.1 INFLUÊNCIA DA PÓS-VERDADE NA QUEDA DAS DEMOCRACIAS

E tudo que isso que vemos hoje em dia, chegando nesse momento de estarmos realmente inertes a possibilidade de informações advindas de todos os lugares e por qualquer interlocutor, sem uma possível verificação de sua veracidade, somados à questão da polarização e do pensamento binário, da batalha entre o bem e o mal, auxilia ainda mais, se não com a queda do estado democrático de direito, mas sendo sim um perigo iminente ao mesmo, ao mínimo dizer.

A utilização desses recursos como estratégia de eleição por líderes extremistas demonstra a fragilidade da democracia. Esses governantes sobem ao poder não pelas vias de golpes militares de fato, mas sim pelas eleições, utilizando as instituições que a democracia nos proporciona para depois

ir totalmente contra elas, como dizem Levitsky e Ziblatt (2018, p. 15) em seu livro “Como as democracias morrem”: “democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos – presidentes ou primeiros-ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder”.

De acordo com Levitsky e Ziblatt (2018), o teste legítimo, proposto por Linz (1978) na obra “*The breakdown of democratic regimes*”, é um ponto importante para identificar o comportamento autoritário. Esse teste demonstra quais os quatro tipos de comportamentos que devem ser observados nos candidatos:

- Rejeição das regras democráticas do jogo, se recusar a jogar por essas regras;
- Tolerância ou encorajamento à violência;
- Negação da legitimidade de rivais partidários ou adversários;
- Vontade expressa de restringir a liberdade civil dos adversários, incluindo os meios de comunicação.

Alguém que se enquadre em um só critério desses já pode ser considerado uma ameaça, e se se enquadrar em mais, é necessário um alerta de todo o espectro político e democrático da sociedade.

Os governantes que, frequentemente, flertam com essa ideia são os *outsiders* populistas. Políticos que são contra o que está estabelecido no momento, dizendo que trazem consigo a voz do povo, mas, na verdade, manipula para seguir a sua voz, atacam os partidos políticos dizendo que são antipatrióticos, que o processo eleitoral como um todo é ilegítimo, bradam em seus discursos acabar com todas essas instituições “fraudulentas”, que na realidade são a sustentação da democracia, manipulando a população com mentiras para que pensem iguais a ele. O pior é que quando eleitos realmente o fazem, trazendo o autoritarismo à tona.

Antes de possíveis políticos olharem para essas estratégias, os países em que eles estão vivendo sempre contam com crise econômica e política, polarização, descrença e até nojo da população pelo *establishment* e pelos partidos já estabelecidos. Discursos sobre a crise econômica e sobre como a população vem sendo despedaçada pela violência, corrupção, terrorismo, drogas, e outros pontos de discussão, exaltando as instituições do conservadorismo família, religião e bons costumes estão sempre na ponta da língua.

Esses líderes políticos ao invés de negociarem e realmente fazerem política, durante o processo de estabelecimento do poder, dão preferência ao ataque às instituições (juízes, Câmara, Senado, parlamento, adversários, mídia), influenciando a opinião pública para que seus seguidores também comessem a execrar tais pessoas, de forma que ele pudesse governar por outras vias, criando decretos e medidas provisórias.

E é nesse momento que as *fake news*, *bots* e outras táticas tecnológicas são a principal estratégia política. Influenciar a mente da população para que essa seja o suporte potencial de governo para que as vias sejam alteradas e o autoritarismo impere sem ser percebido como uma ditadura, mas sim como uma necessidade para que o país volte a se reerguer.

Muitos políticos extremistas sobem ao poder pelas vias mencionadas já pensando nessas linhas autoritárias, enquanto que outros entendem por si, ao passar de seu governo que o autoritarismo é necessário para continuarem no poder, por isso manipulam a população, usando a desculpa da necessidade de tal para reconstruir seus países.

Esse processo seguiu sempre uma mesma linha. Agora, entretanto, com mais força ainda, visto a era da pós-verdade em que vivemos. O início se dá pelas palavras e os ataques difamatórios, construindo assim o inimigo comum, ligando eles a fatos, quase que sempre, mentirosos, causando o ódio e a ira da população a esse adversário. A tecnologia é papel determinante nos dias de hoje para que isso ocorra e, quem sabe, possa até sair do papel e da fala e se transformar em ações.

Outro ponto é que esses autoritários eleitos sempre buscam destruir as instituições democráticas e fazem isso aos passos de formiga, muito lentamente, para que seja quase indistinto à população. Olhando cada pequeno passo que se dá para o extremismo, parece quase tudo insignificante. A maquiagem que se coloca nessas ações para que elas pareçam benéficas à população é algo que faz com que quase fique imperceptível cada passo dado. Ocorrem a descridibilização dos tribunais eleitorais, as influências nas escolhas dos cargos de agências punitivas, a retirada do jogo de políticos opositores, bem como a reescrita das regras constitucionais com decretos e medidas provisórias são alguns dos passos dados.

Um dos pequenos passos dados pelos autoritários e extremistas é o controle das instituições judiciárias e policiais, fazendo com que essas não sejam mais neutras. Se essas se mantêm como independentes, podem “prejudicar” o governo, porém se são controladas por aliados do governante, podem servir como ferramenta para estabelecer cada vez mais o autoritarismo. Com esse principal defensor ao seu lado, o governo pode agir sem medo de ser punido e utilizar a força policial como sustentação do seu governo, coibindo manifestações contrárias ou trabalhar como censura propriamente dita.

Um exemplo disso aconteceu na Hungria, em que Viktor Orbán substituiu diversos cargos do judiciário colocando em seu lugar partidários aliados. No Brasil, em 2020, também tivemos Jair Bolsonaro tentando escolher para o comando da Polícia Federal um amigo próximo da família, o que sucedeu até na demissão do então Ministro da Justiça, Sérgio Moro. Nos tempos atuais, os políticos

utilizando as redes sociais para legitimar as trocas feitas, utilizando a disseminação da informação em massa alegando e diminuindo os anteriores e exaltando seus aliados.

Outra forma de se controlar as instituições judiciárias é acabando com elas. Como fez Hugo Chávez, em Cuba. Em 1999, dissolveu todas as outras instituições do Estado, tudo isso a partir de uma Assembleia Constituinte, ou como Bolsonaro que agora está utilizando suas redes sociais para exaltar manifestações de eleitores que tem como proposta o fechamento do Congresso e do STF.

Um segundo passo dado em prol do extremismo é eliminar seus oponentes. Nem sempre se há de eliminar todos os seus opositores, como o acontecido com Mussolini e o fascismo na Itália, porém ao conseguir eliminar importantes adversários e nomes fortes opositivos, podendo ser esses os próprios políticos, líderes do segundo setor ou mídia, já se garante uma estabilidade maior para a subida ao poder.

Existem algumas formas para se eliminar ou conquistar seus opositores. Uma delas é com dinheiro. Alberto Fujimori, em seu governo no Peru, comprou a mídia e todas as grandes companhias de televisão para que pudesse manipular as informações e tê-las ao seu lado. Outra forma de desestabilizar seu oponente pode ser seguindo métodos mais extremos como o cárcere ou o exílio. Para que o autoritarismo fique por baixo dos panos, os autocratas modernos buscam trazer “legalidade” para tais atos. Com o judiciário em suas mãos, existe a possibilidade de manipulação de autos e de julgamentos para que seja possível prender adversários, a exemplo da Argentina, durante o Peronismo, em que Ricardo Balbín foi preso por desrespeitar o presidente, ou na Venezuela, em que Leopoldo Lopez foi preso por incitar a violência, em 2014.

A manipulação das informações é também um fator, para que dessa forma se crie um inimigo comum, seja ele um político opositor como Donald Trump fez em 2016 ou Bolsonaro fez em 2018, ou a mídia tradicional por completo, como Erdogan na Turquia, que além da influência da opinião pública, utilizava sua influência política para multar os grupos de mídia por motivos não tão bem explícitos.

Isso é muito grave, pois quando um veículo de mídia se sente afetado por parte do governo, os outros veículos, com medo de sofrer ataques semelhantes, se voltam, quase que organicamente, para o lado do governo, praticando uma autocensura. Esse inimigo comum pode também ser figuras culturais da época, como, por exemplo, os artistas brasileiros que foram censurados e levados para o exílio durante a ditadura militar de 1964.

O último pequeno passo dessa caminhada, e talvez o mais importante, é realmente mudar as leis, a Constituição de seu país, o sistema eleitoral, fazendo isso de forma que o povo veja a

“necessidade” dessa mudança. Um exemplo de governos autoritários que mudaram tais estigmas foi o governo da Malásia. No país já existia um sistema eleitoral que favorecia o partido no poder, o UMNO, partido predominantemente de etnia malaia, maioria da população da Malásia. Contudo, com o crescimento de uma oposição também malaia (PAS), tiveram que alterar o curso do sistema eleitoral, diminuindo o número de cadeiras parlamentares rurais, onde o partido PAS tinha mais eleitorado, realizando tudo isso de forma constitucional. Hoje em dia, a comunicação realizada pelas redes sociais é um fator extremamente importante para que se possa “legitimar” tais atos e mostrar os “benefícios” de se fazer essas alterações, manipulando a população.

É dessa forma que se estabelece uma vantagem decisiva para que o governo autoritário se mantenha no poder, pois “os cidadãos muitas vezes demoram a compreender que sua democracia está sendo desmantelada – mesmo que isso esteja acontecendo bem debaixo do seu nariz” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 108). E para os dias atuais, a tecnologia é indispensável para que se realizem tais atos, por isso o ativismo de figuras políticas nas redes sociais e acordos e contratos de governos com empresas de tecnologia. O que parecia brincadeira virou política.

O avanço conservador, atualmente, se pauta muito em como a tecnologia vai influenciar, o trabalho eleitoral realizado para que seja possível colocar todas essas táticas e estratégias, utilizando as redes como meio de propagação, é o que faz com que a direita cresça cada vez mais. Os meios de comunicação das redes sociais, principalmente, o Twitter e também grupos do WhatsApp, são as principais ferramentas para disseminação de tal discurso, manipulando e criando assim um pensamento de unidade na direita. Ideais conservadores e às vezes até nacionalistas, ideais neoliberais e nacionalistas econômicos, pensamento que diz que o Estado concede direito a pessoas erradas, que não produzem para o bem do país, e principalmente ideais culturais de ideologia de gênero, racismo homofobia, politicamente correto e xenofobia, todas essas opiniões circulam exponencialmente sem veto, sob a chancela da liberdade de expressão.

Esse é o comportamento que Donald Trump e Jair Bolsonaro tiveram durante as suas últimas eleições em 2016 e 2018, respectivamente. Se enquadrando nas quatro condições do teste de Juan J. Linz, esses políticos se utilizam das tecnologias e das redes sociais para aprimorar as táticas empregadas por autoritários conservadores do passado para que chegassem ao poder e nele, assim, se mantivessem.

4.2 ASCENSÃO NOS EUA: DONALD TRUMP E SUA TROPA RUSSA

Como Hannah Arendt (2012) escreveu em seu livro, “o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento)”.

Soa cada vez mais atual e um real espelho do contexto cultural e principalmente político que se vive hoje ao se analisar e comparar com o momento das eleições de 2016 e anos seguintes dos Estados Unidos da América. A era da pós-verdade como já explicitada anteriormente neste trabalho, com a disseminação de *fake news*, no contexto americano em escala industrial, sendo lançada pelo próprio Donald Trump e disseminada por robôs, somados ao nacionalismo e o autoritarismo crescente, com o medo de mudanças sociais, o ódio a estrangeiros e cada grupo formado somente em sua bolha, vêm perdendo a noção de realidade compartilhada e a habilidade de se comunicar com as diversas linhas sociais.

Donald Trump antes da eleição se apresentava para a política norte-americana como uma novidade, um empresário que iria totalmente contra o *establishment*, até contra as estruturas de seu próprio partido e contra Washington como um todo, um *outsider*. Apesar das singularidades, se expressava ainda com condutas antigas como o conservadorismo e o nativismo, correntes tradicionais na política americana. Utilizou-se de diversas estratégias políticas, como o próprio esquema de disseminação de *fake news* para manipulação de informações, para que pudesse realizar ataques à imprensa e aos seus adversários, tendo a utilização do discurso de ódio e a desglobalização como pontos chaves de suas falas.

Como contexto, os EUA estavam com um eleitorado tentando se recuperar da ressaca da crise financeira de 2008, com um processo de globalização que diminuiu o número de empregos americanos, haja vista que as empresas estavam internacionalizando e com uma população na sua grande maioria totalmente contrariada com Washington. Com tudo isso, Trump conseguiu conquistar votos dos brancos pobres e de classe média baixa com baixo grau de escolaridade que se sentiam prejudicados economicamente pela relação comercial dos Estados Unidos com outros países.

Esse apelo ao nativismo e a desglobalização, por muitas vezes foram táticas eleitorais de conservadores. Somando isso com os altos graus de incerteza econômica e social à angariação de eleitores, em que parte da população condenava esse complicado cenário a Barack Obama, tudo estava favorável a Trump. Ele conseguiu fazer com que toda essa insatisfação econômica, pautada na perda de esperança do sonho americano, onde elementos como uma casa própria, educação e futuro promissor pros filhos estavam cada vez mais distantes, e social, pautada no nativismo e na xenofobia,

fossem de maior impacto do que suas falas machistas, misóginas, nacionalistas e xenofóbicas. Pensando em vista do eleitorado que angariou, tais falas até o ajudaram a se eleger.

Durante todo o processo da eleição, a principal estratégia de Donald Trump foi utilização das *fake news* para propagação e manipulação das informações. Além das diversas citações e manifestações violentas atacando seus adversários, dentro do próprio partido e também de fora dele, como Hillary Clinton, a imprensa e as instituições americanas, disseminando seus “fatos alternativos”, Trump conseguiu a partir de um esquema milionário de compras de robôs russos, influenciar e manipular pessoas, compartilhando informações falsas a seus eleitores, fazendo assim uma rede de disseminação da sua palavra, seja ela qual fosse.

Dessa forma, ao desacreditar a imprensa e seus adversários, e manipular os meios de informação, qualquer verdade criada por ele era facilmente disseminada e acreditada por seu eleitorado, sem necessidade de verificação. As informações falsas na internet por serem facilmente editadas, juntando com a grande quantidade de informação que os *bots* conseguiam extrair dos usuários, eram possíveis identificar grupos que fossem mais propícios a certas mensagens. E essa rede de divulgação é criada, pois notícias falsas compartilhadas por alguém confiável, na visão da maioria das pessoas eleitoras de quem utiliza essas táticas, não tem necessidade de se verificar.

O esquema de Trump era bastante aprimorado. A agência da fábrica de *trolls* russos, chamada *Internet Research Agency*, tinha centenas de funcionários para que projeto desse certo. Esses colaboradores criavam perfis falsos nas redes sociais, roubando ou se fazendo passar por norte-americanos reais, sempre utilizando servidores norte-americanos para cobrir seus rastros russos. Com tais perfis, a agência postava bastante material nas diversas redes sociais, mas principalmente no Twitter, buscando dessa forma ter uma grande base de seguidores que pensavam igualmente, para que, a partir disso, pudessem disseminar informações falsas, depreciando os adversários de Trump e desacreditando o sistema político como um todo. Incitavam a violência e ampliavam a polarização, trazendo *fake news* sobre questões como imigração, religião, raça.

Com a agência eram também disseminadas informações falsas que ajudassem no aumento da popularidade de Trump, ajudando a angariar fundos para comícios e informações falsas que diminuíssem a popularidade de Hillary Clinton. Outro ponto importante foi uma disseminação das *fake news* sobre uma fraude eleitoral por parte do partido Democrata, utilizando isso como motivação para os grupos de minorias norte-americanas não votassem.

Alguns dados, que demonstram a imensa massificação da tática utilizada por Donald Trump, publicados pelo próprio Twitter, mostram que *bots* russos retweetaram mais de 470.000 vezes posts

de Trump, enquanto que a Hillary só teve 50.000 *retweets*. Segundo uma pesquisa da Universidade Nacional da Austrália, as contas de robôs foram 2,5 vezes mais influentes que as contas humanas durante a eleição presidencial de Donald Trump. O estudo também mostrou que além de conseguir ter essa interação, as contas de robôs foram as que mais obtiveram sucesso na disseminação de informações ficando à frente até mesmo de famosos como Oprah Winfrey, que é a favor dos democratas.

Trump, ao somar todos esses fatores, se utilizando do aspecto do teste de Linz, rejeição das regras democráticas do jogo, tolerância ou encorajamento à violência; negação da legitimidade de rivais partidários ou adversários; vontade expressa de restringir a liberdade civil dos adversários, incluindo os meios de comunicação, adicionando a estratégia da disseminação em massa das *fake news*, e tentando também as estratégias para consolidar o poder, se mostra cada vez mais como um autoritário.

Donald Trump antes de eleito já demonstrava uma hostilidade com as agências éticas, os tribunais eleitorais e de justiça, porém após eleito isso se exacerbou. Logo depois de eleito, já tentou influenciar decisões nas agências do governo norte americano como o FBI, a CIA e a NSA, para que essas compactuassem com ele, pedindo que negassem a existência do trabalho dos *bots* russos na eleição, além de pedir para que influenciassem em diversas investigações sobre parceiros de Trump. Ao perceber que a influência não funcionava, Trump demitiu James Comey, diretor do FBI. Foi a primeira vez que alguém desse cargo havia sido demitido sem claras violações éticas.

Ademais, ele também influiu na procuradoria federal, ao saber que investigações de lavagem de dinheiro e corrupção estavam o alcançando. Esses são alguns exemplos e para legalizar todos esses atos, Trump se utilizou das redes sociais para deslegitimar tais personagens, incitando discursos de ódio e também propagando informações explicando a necessidade de se ter tais agências comandadas por ele mesmo para que pudesse governar como o prometido nas eleições.

Figura 1 - Tweet do Trump sobre James Comey, diretor do FBI demitido por ele.



Fonte: Twitter (2020).

Outra estratégia utilizada por Donald Trump foi a de conseguir, por meio de ataques retóricos e violentos, tirar a imprensa e as grandes mídias do jogo. Por muitas vezes Trump chama a mídia como “inimiga do povo americano”, além disso, sempre posta em seu Twitter que é a mídia tradicional que está distribuindo *fake news*, conspirando contra sua índole e a de sua família. Um exemplo muito grave, mesmo que no plano das ideias, foi uma possibilidade da alteração da lei de calúnia e difamação, para que com isso pudesse prender jornalistas opositores. Embora muito preocupantes, além das difamações e dos tweets toscos sobre as mídias opositoras, essas falas ainda não se tornaram ações.

Figura 2 - Tweet em que Trump se refere às mídias como inimigas do povo americano.



Fonte: Twitter (2020).

Figura 3 - Trump anunciando como falsas as notícias dadas por portais.



Fonte: Twitter (2020).

A estratégia mais preocupante utilizada por Trump até agora foi a de subverter o mando de campo, ou seja, instaurar regras e leis a seu favor. A iniciativa mais antidemocrática e mais a favor de Donald Trump realizada até agora foi a da criação da Comissão Presidencial de Aconselhamento sobre Integridade Eleitoral. Essa comissão foi criada para dificultar o voto das minorias, na sua grande maioria, democratas. A comissão atuaria criando leis estritas de identificação do eleitor, o que para

as minorias pode desanimar o comparecimento ao voto. E tudo isso foi feito de forma legítima, pois Trump disseminou uma informação falsa de que fraudes eleitorais estavam sendo disseminadas nos Estados Unidos, muito por conta da falta de leis de identificação do eleitor. Informação falsa, pois diversos estudos concluíram que os níveis desse tipo de fraude eram baixíssimos. Essas leis até agora passaram somente em estados que contam com republicanos como maioria.

Trump, entendendo todo o contexto de crise econômica e social se utilizou de estratégias tecnológicas, como a disseminação massiva de *fake news* com um esquema abissal de *bots* russos para influenciar a opinião pública de seu eleitorado, manipulando-o para que pudesse ser eleito em 2016 e continua se utilizando da mesma estratégia, somada agora às instâncias autoritárias, como a influência em agências regulatórias, descredibilização da mídia e reescrita de leis e regras, como forma de se manter no poder.

4.3 A ASCENSÃO NO BRASIL: BOLSONARO E A LEVIANDADE DO BRASILEIRO

Visando o espectro brasileiro, assim como nos Estados Unidos da América, a direita brasileira de uns tempos para cá está se reerguendo e galgando cada vez mais espaço no pensamento político de sua população. O Brasil em termos comportamentais e culturais sempre foi muito conservador por conta do histórico colonial e escravagista, mantendo em sua estrutura muitos pensamentos de extrativismo social, desigualdade, racismo e um foco muito grande nas instituições conservadoras como a família, a religião e os “bons costumes”.

Olhando para um lado mais político, muito do ressurgimento da direita, e agora cada vez mais da extrema direita, se deve ao fato do contexto que o país viveu nos últimos anos, com um governo de esquerda que teve muitos louros e trabalhos feitos com relação ao assistencialismo e ao desenvolvimentismo econômico, porém teve também muitos erros. Escândalos de corrupção, crise econômica notória no fim do governo, perca da governabilidade e uma oposição ferrenha pautaram seus anos finais.

Durante todo o seu governo, mas principalmente no início, o Partido dos Trabalhadores, com Luiz Inácio “Lula” da Silva como personagem principal, fez política, pensando no cerne denotativo da palavra, de uma forma excepcional. Não se havia um enfrentamento muito grande por parte da oposição. Lula conseguiu controlar seus adversários realizando jogos políticos e trabalhando muito bem de todos os lados para que pudesse governar de forma pacífica. Apesar das ideias de

transformação políticas que tinha amedrontado um pouco parte da população mais conservadora, no âmbito político, tudo foi realizado de forma tranquila.

Durante todos esses anos, a principal oposição à esquerda era o PSDB, de centro-direita, social democrata. Partido este que entendia as leis democráticas e as seguiam, fazendo política da mesma forma que o PT realizava. Entretanto, com o cenário do fim do governo já explicitado acima, a ala conservadora e a nova direita foi surgindo cada vez mais com mais força.

Podemos explicitar esse conservadorismo brasileiro focando em três principais quesitos, que hoje, e cada vez mais, pautam o governo atual e o pensamento político da população: libertarianismo, fundamentalismo religioso e anticomunismo, que no Brasil se assemelha, e muito, ao antipetismo.

Bolsonaro soube seguir essas três instâncias ao pé da letra, para que juntamente com o contexto e o cenário que se tinha no país, com as táticas que a direita histórica sempre utilizou para mudar as regras do jogo, e com as estratégias que a tecnologia e a rede social lhe propiciam, pôde se eleger e se manter no poder.

Além disso, a organização da direita brasileira como grupos, que já vinham se formando, fora do espectro da política comum, desde o início do governo de esquerda no Brasil e com o avanço do governo petista, foram tendo cada vez mais adeptos, agora mais ainda por conta do formato online. Fundos foram sendo levantados, fazendo com que esses grupos tivessem mais voz, mais poder opinativo, e mais meios de ação. Muitos grupos como o Instituto Liberal de Rodrigo Constantino, em 2006 e o MBL de Kim Kataguiri, tiveram bastante atuação nos primeiros protestos de 2013, hoje já estão nas Câmaras e Senado brasileiros, fazendo política. A imprensa tem uma clara importância no aumento de adeptos desses grupos, por conseguinte no aumento da geração de renda para tais grupos, por conseguirem adeptos da classe média alta e da classe alta, e na geração desse cenário de polarização.

A sorte da militância de direita começou a melhorar à medida que alguns colunistas e comentaristas políticos de oposição ao governo começaram a usar um tom cada vez mais agressivo em suas críticas veiculadas em jornais e revistas de grande circulação, centradas principalmente no escândalo do “mensalão” (2005-2006). Isso acabou criando um clima de opinião mais favorável a pequenas e médias manifestações contra a corrupção e o PT que começaram a pipocar nos anos subsequentes (ROCHA *apud* GALLEGOS, 2018, p. 39).

A reeleição da presidenta Dilma Rousseff em 2014 foi o real estopim para que a direita se reorganizasse de forma política. As manifestações exaltando o antipetismo, por conta da crise econômica e política corruptiva que se instaurava no país, estavam aflorando e algumas primeiras

pequenas ideias de extremismo com dizeres a favor do golpe militar ou o fechamento das instituições brasileiras também foram surgindo nessa época.

As três instâncias do conservadorismo atual estavam sempre à frente dos pensamentos dos manifestantes e adeptos dessa linha de política. O libertarianismo focado na justiça advinda do mercado, pregando o menor Estado possível, com ideais liberais da escola austríaca, traz muito à tona uma questão e uma oposição entre liberdade e igualdade. O Estado minando suas liberdades em prol de uma igualdade mentirosa, enquanto que o mercado estabelece uma liberdade econômica onde todos podem crescer. Contudo, na direita conservadora brasileira, o libertarianismo é falso, pois no seu estado denotativo da palavra para que se tenha a autonomia individual, deveria se ter pensamentos e costumes também liberais, mas não é o que acontece aqui no Brasil por conta das outras instâncias.

O fundamentalismo religioso, que impera no pensamento conservador, representando a defesa de uma verdade absoluta, pautando muitos dos pensamentos como a oposição no direito ao aborto, compreensões inclusivas da entidade familiar, políticas de combate à homofobia, as bancadas ditas evangélicas tem um poder muito grande no Estado, mesmo esse sendo laico, e fora da política a mídia evangélica trabalha muito bem com a disseminação das informações que por eles se entendem como fatos.

Bolsonaro soube trabalhar muito bem essa instância tendo esse tom extremamente marcante em seus discursos que é a defesa da moral e dos bons costumes, além da exaltação do chamado “cidadão de bem”. Tais argumentos apenas comprovam como a ideologia pregada por Bolsonaro se alinha completamente não só aos valores tradicionais de décadas anteriores, mas também à reformulação e atualização de alguns deles nos dias de hoje.

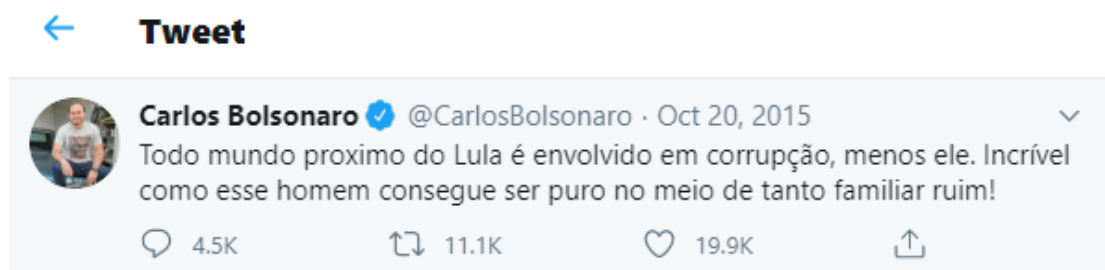
A terceira instância, que sempre rondou o espectro político brasileiro é o anticomunismo. O medo irracional de uma ditadura de esquerda traz à tona pensamentos extremistas de direita na população sem que essa perceba o real perigo. No Brasil, o anticomunismo também pode ser dito como antipetismo, até pela manipulação das informações que fazem com que o PT se torne um partido comunista e bolivariano no Brasil, sempre associando tal partido a ditaduras comunistas na América Latina, como a Venezuela.

Esse argumento, colocando a culpa toda de anos em um só governo, sempre foi utilizado pela direita mais radical brasileira, que hoje tem a figura de Jair Bolsonaro como principal personagem. É preciso achar um culpado, e então classificar eventuais problemas como consequências das ações prévias desse.

Somado a todo esse contexto, para que fosse eleito, Bolsonaro precisou utilizar tática e estratégias que a pós-verdade e a manipulação pelas redes sociais de seu eleitorado propiciava. Era primeiro necessário escolher um inimigo e negar a legitimidade dos adversários, execrá-lo a todo custo.

Bolsonaro e todo o seu espectro político se utilizou da tecnologia e as *fake news* como forma de deslegitimar seus adversários, principalmente o Partido dos Trabalhadores, na visão central de seu principal nome, Luiz Inácio “Lula” da Silva. Aos poucos, proferindo ofensas, alegando inverdades e também manipulando pontos de seu governo, o descredibilizando. Sua visão sobre os que não pensam como ele se pauta na ideologia do inimigo, do adversário.

Figura 4 - Tweet de Carlos Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, sobre o ex-presidente Lula.



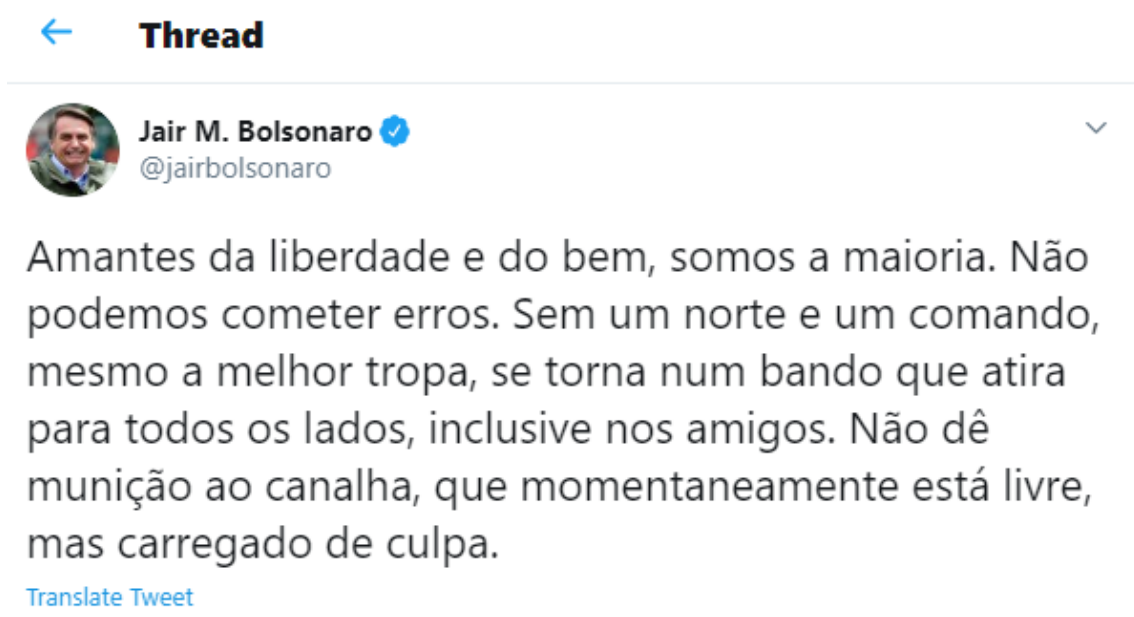
Fonte: Twitter (2015).

Figura 5 - Jair Bolsonaro se referindo ao ex-presidente Lula como criminoso.



Fonte: Twitter (2020).

Figura 6 - Tweet de Jair Bolsonaro sobre o ex-presidente Lula.



Fonte: Twitter (2020).

Depois disso, era necessário, seguindo assim as máximas de Linz, rejeitar as regras democráticas do jogo. Bolsonaro por muitas vezes defendeu o levante militar de 1964 no Brasil e outras ditaduras de direita na América Latina. Por muitos momentos questionou as eleições dizendo que essas poderiam ser fraudulentas. E, já como Presidente da República, reforçou e apoiou manifestações que tinham o cunho ditatorial com pautas como o fechamento do STF, isso com o envio de um vídeo chamando a população para tal manifestação e depois desmentindo a informação de forma tosca e errônea.

Figura 7 - Tweet em que Jair Bolsonaro convocava manifestação.



Fonte: Twitter (2017).

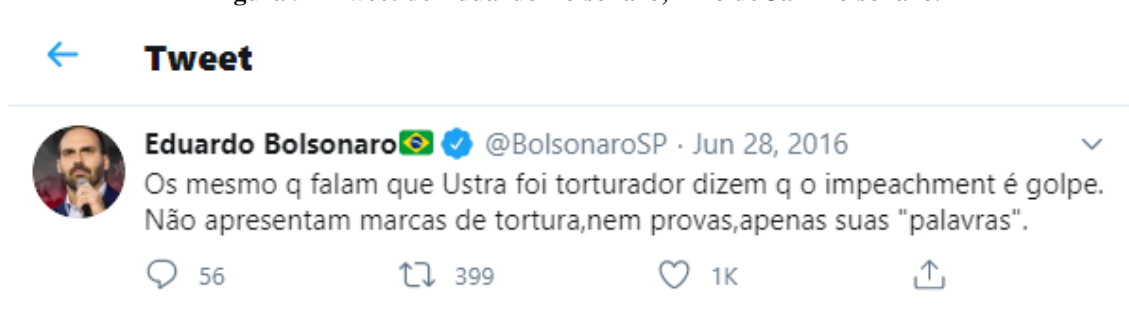
Figura 8 – Tweet do Youtuber Felipe Neto sobre o vídeo de convocação do presidente Bolsonaro.



Fonte: Twitter (2020).

Para que conseguisse o que conseguiu, Bolsonaro também encorajou muito a violência. Durante toda sua campanha presidencial esteve sempre com seu sinal de arma com as mãos e por muitas vezes trazendo frases como: “vamos metralhar a petralhada”. Trouxe muitas vezes *fake news* sobre números e fatos com relação a armamento e sempre defendeu abertamente o uso de torturas em ditaduras. O uso da violência sempre é abordado pelo Presidente da República com justificativa de sua necessidade, o que cada vez mais vem sendo acometido pela população.

Figura 9 - Tweet de Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro.



Fonte: Twitter (2016).

Figura 10 - Tweet de Jair Bolsonaro sobre o desarmamento.



Fonte: Twitter (2018).

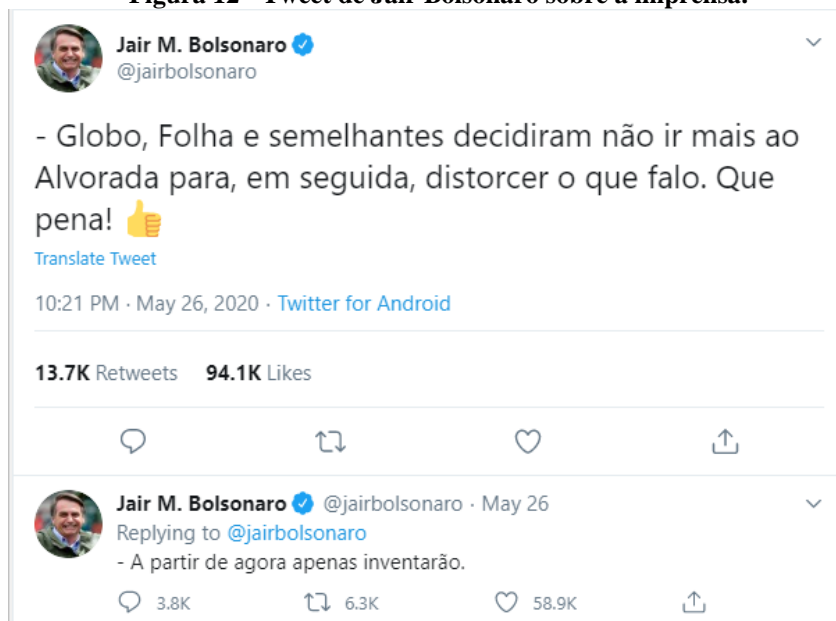
Assim como o americano Donald Trump, outro ponto que Bolsonaro se utiliza é de descredibilizar a imprensa, utilizando, principalmente, o seu Twitter para tal ato. Ao fazer isso e dizer que esta, somente posta mentiras, Bolsonaro faz com que seus seguidores busquem informações em fontes “confiáveis”, e com isso, as influências, relatos e vivências que pautarão a opinião pública de tais pessoas se torna totalmente enviesada. É dessa forma que Bolsonaro manipula a informação e cria uma “verdade conveniente” a si próprio.

Figura 11 - Tweet de Jair Bolsonaro contra à Folha de São Paulo.



Fonte: Twitter (2020).

Figura 12 - Tweet de Jair Bolsonaro sobre à imprensa.



Fonte: Twitter (2020).

Figura 13 - Tweet de Jair Bolsonaro acusando à Folha de São Paulo de espalhar fake news.



Fonte: Twitter (2019).

Bolsonaro viu que o melhor meio de conseguir propagar a sua “própria verdade” era através das redes sociais. A comunicação sempre foi uma das principais estratégias políticas e no século XXI é mais ainda por causa da democratização e da quantidade informativa. Atacar a imprensa para tirar sua confiabilidade é extremamente importante, pois quem detém o poder de propagá-la tem o poder de manipulá-la.

Vendo todos esses pontos, que de acordo com o questionário de Linz são perigosos para a democracia, podemos afirmar que Bolsonaro é extremista e autoritário. E ele tem todas as armas do jogo na sua mão, conectando o conservadorismo com a propagação das informações falsas.

A leviandade, atestada por estudos brasileiros, foi algo que influenciou muito a utilização da estratégia por parte de Bolsonaro. No Brasil, 62% de sua população admitem já ter acreditado em alguma notícia sem verificar as informações, acrescentando a isso somos muito ativos nas redes sociais, onde 62% da população participam de alguma rede. E o ponto que é mais expressivo é que 61% da população brasileira, durante a eleição de 2018, admitem ter se informado por WhatsApp, de acordo com o Instituto Ipsos. Com isso, podemos atestar que o Brasil é o país em que mais pessoas acreditam em *fake news*.

Além da utilização do Twitter e outras redes pelo próprio Jair Bolsonaro como forma de disseminar informações falsas, somada a essa leviandade da população brasileira, foi utilizada, de forma muito mais torpe e orgânica, do que o realizado pelo presidente Donald Trump, uma onda comprovada de disseminação de informações via *bots*, perfis falsos em redes sociais e grupos de WhatsApp criados, agregando diversos propagadores de informações.

Um estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo mostra que robôs foram responsáveis por mais da metade das publicações favoráveis a Jair Bolsonaro no Twitter. Para ser mais preciso 55% das publicações são feitas por robôs. Muitos desses perfis não têm quase nenhum seguidor, surgiu próximo à eleição de 2018 e tem diversas postagens, quase que realizadas em massa, em um curtíssimo espaço de tempo.

Outro ponto que sugere a utilização de *bots* na sustentação da base eleitoral de Bolsonaro foi a subida da hashtag #FechadocomBolsolnaro com o erro na grafia do nome do Presidente, tendo em um dia de publicação quase 50 mil mensagens escritas dessa forma.

O Twitter, principal plataforma que conta com os *bots*, está realizando estudos de como diminuir essa estratégia política e aos poucos está limpando a plataforma, excluindo contas falsas e perfis inativos. Algumas pessoas fizeram um estudo no perfil do Bolsonaro para entender como funcionam seus seguidores e o UOL Tecnologia (2019) confirmou os números apresentados: “assim como outras amostras: dos dois mil seguidores analisados, 59% não falam português, 61% são perfis criados nos últimos 90 dias e 18% mal contam com fotos, ilustrando apenas o 'ovinho' padrão do Twitter”.

Podemos dizer então que Jair Bolsonaro, para a eleição de 2018, entendeu o contexto conservador, atacando a imprensa para que detivesse os meios de comunicação, criou uma rede maciça de disseminação de informação, as chamadas *fake news*, com os *bots* e os grupos de WhatsApp.

Quando unimos esse autoritarismo, a conexão com o antipetismo, o medo do comunismo, o apoio das elites, o discurso dos homens de bem, as políticas de ganhos de curto prazo, a ideia de se acabar com a corrupção, a criação do ideal de um mito, a leviandade do brasileiro e se utilizando de *bots* e *fake news* para influenciar as opiniões públicas, essa é uma estratégia quase que infalível da direita autoritária subir ao poder.

5. CONCLUSÃO

A direita está cada vez mais em alta no espectro político mundial. Mesmo com contexto socioeconômicos e políticos muito distintos, diversos países e seus eleitorados estão se virando a uma direita, na grande maioria das vezes, extremista. Essa onda conservadora vem assolando países como Hungria, França, Polônia e Turquia. No Brasil e nos Estados Unidos, os avanços das tecnologias e das redes sociais também tiveram seu papel fundamental nesse processo de aproximação.

As redes sociais vieram para revolucionar o mundo. No quesito da comunicação, dentre os diferentes benefícios da mesma, estão democratização da informação, liberdade de criação e publicação de opiniões. Nesta última vertente, ao utilizá-la como estratégia política, o malefício causado pode ser muito maior.

Hoje, no Brasil e nos EUA, países que flertam muito com o autoritarismo e que apresentam um perigo para o estado democrático de direito, as redes sociais e a tecnologia influenciam muito na ascensão dos governos ao poder.

O contexto prévio da ascensão em cada país não era igual, mas muito parecido. A crise econômica e política em ambos, a polarização política no Brasil, por conta de um governo anterior que desagradou grande parte da população e uma grande ideia de retomada do nativismo e da desglobalização nos EUA estavam presentes.

Os dois, apesar de terem tido governos progressistas nos últimos anos, sempre tiveram ideais conservadores arraigados à sua cultura, com discursos que defendem os “bons costumes” e “as pessoas de bem”. Países com a religião presente, liberais e sempre contrários à ameaça fantasma do comunismo. Como estamos vivendo a era da pós-verdade, utilizar tais ideais como chama para disseminar informações falsas, “fatos alternativos”, “verdades convenientes”, ou como queira chamar as *fake news* para propagar tais ideais é uma estratégia que os autoritários vêm utilizando.

Nesse era que vivemos, grande parte da população quer encontrar mensagens e informações que confirmem aquilo que pensam Donald Trump e Jair Bolsonaro, aliando seus ideais conservadores. Perceber e utilizar-se da indignação dos cidadãos de seus países, para criar ótimas estratégias com *fake news* e *bots*, a fim de disseminar informações que agraciaram seus eleitores, levou a um saldo positivo em suas próprias eleições.

Trump criou um esquema de publicações em massas, contratando *bots* russos e propagando *fake news* nos grupos de interesse para que esses se tornassem redes de disseminação das informações a seu favor, conquistando assim força entre seu eleitorado. Bolsonaro viu no presidente dos EUA um

exemplo e também se utilizou de *bots* no Twitter, mesmo em menor proporção, suficientes para sua eleição. O ponto alto de Bolsonaro foi a utilização de grupos do WhatsApp para propagar suas *fake news*.

A utilização de estratégias autoritárias para que essas “verdades” fossem alastradas é tão gritante e latente na sociedade que, por vezes, parece piada. Entretanto, para aqueles que tinham uma visão mais conservadora de direita, os atos eram legítimos e as *fake news* eram a comprovação da necessidade de se realizar tais atos. Prender Jack Comey, alterar o diretor da Polícia Federal Brasileira, expurgar e inventar histórias sobre Hillary e Lula, deslegitimar a imprensa, transformando suas redes sociais em único canal confiável de informações, criar comissões regulatórias, decretos e medidas provisórias para inverter o jogo, se tornam aceitas e validadas por conta das *fake news* disseminadas.

Minar o estado democrático de direito, ainda mais se utilizando da principal *commodity* do século XXI, a comunicação, trarão consequências que serão muito difíceis de serem revertidas.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

ARRAIS, R.; CARVALHO, A.; TEO, I. **Entre a esquerda e a direita**: uma reflexão política. São Paulo: Amazon, 2016.

BOLSONARO, C. Carlos Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, sobre o ex-presidente Lula. São Paulo, 20 out. 2015. Twitter: @CarlosBolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/carlosbolsonaro/status/656496300985339904>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOLSONARO, E. Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, em defesa do General Ustra. São Paulo, 28 jun. 2016. Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <https://twitter.com/bolsonarosp/status/747830614221545472>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOLSONARO, J. Jair Bolsonaro contra à Folha de São Paulo. Brasília, 4 jun. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1268717448204890113>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOLSONARO, J. Jair Bolsonaro fala sobre a imprensa. Brasília, 26 mai. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1265452995858358272>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOLSONARO, J. Jair Bolsonaro se referindo ao ex-presidente Lula como criminoso. Brasília, 9 nov. 2019. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1193317083720962048>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOLSONARO, J. Discurso de Jair Bolsonaro sobre o ex-presidente Lula. Brasília, 9 nov. 2019. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1193129840679047169>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOLSONARO, J. Jair Bolsonaro acusando à Folha de São Paulo de espalhar fake news. Brasília, 20 mai. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1130545147140345862>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOLSONARO, J. Jair Bolsonaro sobre o desarmamento. São Paulo, 5 jan. 2018. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/949277413070065665>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BOLSONARO, J. Jair Bolsonaro convoca manifestação. São Paulo, 31 mar. 2017. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/847747250306469892>. Acesso em: 17 jun. 2020.

FARIAS, L. A. **Opiniões voláteis**: opinião pública e construção de sentido. São Paulo: Ed. Metodista, 2019.

FELIPE-NETO. Youtuber Felipe Neto sobre o vídeo de convocação do presidente Bolsonaro. São Paulo, 27 fev. 2020. Twitter: @felipeneto. Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1233181208768602114>. Acesso em: 17 jun. 2020.

GALLEGO, E. S. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2018.

GONÇALVES, M. S.; GARCIA, Y.; GONÇALVES, T. G. **Resenha do livro**: BARBOSA, Marialva. História da Comunicação no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Cultura Pop e Linguagem de Videoclipe, v. 22, n. 1, p. 139-41, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/19559/14203>. Acesso em: 17 jun. 2020.

KREITNER, R. **Post-truth and its consequences**: What a 25-Year-Old essay tells us about the current moment. The Nation, 2016. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-oldessay-tells-us-about-the-current-moment/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Disponível em: <http://dagobah.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Como-as-Democracias-Morrem-Sтивен-Levitsky.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

LIMA, A. G. A propagação de fake News e seus impactos: um estudo sobre a onda conservadora na política Ocidental contemporânea. 2019. 52 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LIPPMAN, W. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

LINZ, J. J. **The breakdown of democratic regimes**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1978.

MATTOS, A. N. **O livro urgente da política brasileira**. 4. ed. São Paulo: Amazon, 2016.

OXFORD. **Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês**. Oxônia: OUP Oxford, 2008.

PFV DIRENS. **Debate entre disciplina e hierarquia**. PFV Direns, 2020. Disponível em: <http://www.pfvdirens.com.br/debate-entre-disciplina-e-hierarquia/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

RIBEIRO, P. S. **Rousseau e o contrato social**. Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/rousseau-contrato-social.htm>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SOUSA, J. P. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: SOUSA, J. P. (Org.). **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia**. Perspectivas Luso-Brasileiras. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. p. 12-93.

TRUMP, D. J. Trump anuncia como falsas as notícias dadas por portais.. Washington, 30 mai. 2020. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1266799941273350145>. Acesso em: 17 jun. 2020.

TRUMP, D. J. Trump sobre James Comey, diretor do FBI demitido por ele. Washington, 30 abr. 2020. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1255832117583495169>. Acesso em: 17 jun. 2020.

TRUMP, D. J. Trump se refere às mídias como inimigas do povo americano. Washington, 17 fev. 2017. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/832708293516632065>. Acesso em: 17 jun. 2020.

VIERECK, P. et al. **Conservatism**. Encyclopedia Britannica INC, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/conservatism/Continental-Europe#accordion-article-contributors>. Acesso em: 17 jun. 2020.

WELLE, D. **Extrema direita se fortalece após eleições na Polônia**. Carta Capital, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/extrema-direita-se-fortalece-apos-eleicoes-na-polonia/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

WICHOWSKY, A. **Alexis Wichowski explica como as mídias sociais estão revolucionando o mundo**. 2016. 1 vídeo (29 min 41 s). Publicado pelo canal Fecomercio SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aGxe5diKe8g>. Acesso em: 17 jun. 2020.

WICHOWSKY, A. **Pós-verdade na era da informação, por Alexis Wichowski**. 2017. 1 vídeo (23 min 14 s). Publicado pelo canal Fecomercio SP. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=lmDegcIAX70. Acesso em: 17 jun. 2020.